

O DEVIR NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: Reflexões Filosóficas, Éticas e Tecnológicas

BECOMING IN THE AGE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE: Philosophical, Ethical, and Technological Reflections

Robinson Alves Dias – robinpaulista@yahoo.com.br
Faculdade de Tecnologia de Taquaritinga – Taquaritinga – SP – Brasil

DOI: 10.31510/inf.v22i1.2177

Data de submissão: 23/03/2025

Data do aceite: 26/06/2025

Data da publicação: 30/06/2025

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o conceito de devir como processo dinâmico e criativo que permeia a existência humana, à luz de reflexões filosóficas, éticas e tecnológicas. A pesquisa adota uma abordagem teórica, por meio de revisão bibliográfica interdisciplinar, com destaque para autores como Nietzsche, Deleuze, Bergson, Heidegger, Harari e outros. São examinadas as transformações do devir na contemporaneidade, especialmente diante do impacto da inteligência artificial (IA) sobre a subjetividade, a memória, a identidade e a autonomia humana. Os resultados indicam que a IA pode tanto ampliar as possibilidades humanas quanto ameaçar a liberdade, a ética e a sustentabilidade, dependendo do uso que se faz da tecnologia. Conclui-se que o devir tecnológico exige uma reflexão crítica e integradora, que equilibre inovação com valores humanos essenciais.

Palavras-chave: Devir. Inteligência Artificial. Ciência. Tecnologia. Sociedade.

ABSTRACT

This article aims to analyze the concept of becoming (devenir) as a dynamic and creative process that permeates human existence, in light of philosophical, ethical, and technological reflections. The research adopts a theoretical approach through an interdisciplinary literature review, with emphasis on authors such as Nietzsche, Deleuze, Bergson, Heidegger, Harari, among others. It examines the transformations of becoming in contemporary times, especially in the face of the impact of artificial intelligence (AI) on human subjectivity, memory, identity, and autonomy. The findings indicate that AI can both expand human possibilities and threaten freedom, ethics, and sustainability, depending on how the technology is used. It is concluded that technological becoming requires a critical and integrative reflection that balances innovation with essential human values.

Keywords: Becoming. Artificial Intelligence. Science. Technology. Society.

1. INTRODUÇÃO

A vida possui um caráter paradoxal, muitas vezes nos transformando em “zumbis sociais”, vagando à margem de um precipício existencial na tentativa de acreditar na promessa de um amanhã. Esse amanhã toma forma como uma representação de saudades evocadas do precedente, refletindo momentos idealizados que marcaram a existência. Ao mesmo tempo, configura-se como concentração de experiências acumuladas, emergindo no que convencionamos chamar de “presente”. Ao pensar essas questões, é instigante refletir para enfrentar a intrincada experiência existencial que nos remete a um dos conceitos mais fundamentais: o estar.

Estar pressupõe a presença, o agora, a tangibilidade de um instante que sucede. Contudo, o estar não se reduz ao instante do agora; ele constitui um vínculo, um movimento contínuo que conecta o vivido ao porvir, formando uma linha de sentido atemporal. A legitimidade de duvidar disso nos incita a revisitar questões sobre a essência do ser. Como exporia Heidegger (2012), a existência é um projeto aberto, um permanente “vir-a-ser”. Nesse contexto, suscitam questões universais, como a percepção de si no exato momento da existência. O passado que se carrega, o presente que se habita e o futuro que se deseja se entrelaçam, formando uma tessitura contínua que constitui a identidade e orienta o processo evolutivo.

Aqui, a ideia de devir surge como uma chave para interpretar a vida. Para Nietzsche (2019), o devir não é meramente o que está por vir, mas um ciclo sucessivo de transformação e superação. Esse fluxo existencial renega a estagnação e acolhe o movimento, a transformação constante. Essa mesma fluidez é explorado por Deleuze (2006), que o percebe como a geração contínua de novas possibilidades, uma repetição inovadora que confere significado à existência. Assim, o processo transformativo não é um ponto de chegada, mas um espaço em constante transformação, onde a vida se reinventa e se ressignifica.

Por outro lado, a análise do passado oferece uma contribuição de Bergson (1999), que diferencia o tempo medido — o cronológico — da duração vivida, uma trajetória subjetiva em que o passado e o presente correlacionam-se de maneira indissociável. O pretérito não é um lugar morto; ele reverbera no presente, influenciando direções, emoções e perspectivas. Segundo o autor, o presente abriga, em si, a semente do futuro e a totalidade do anterior. E Merleau-Ponty (1999) expande essa compreensão ao destacar que o “estar no mundo” envolve uma interconexão entre corpo, mente e tempo. Segundo o autor, o presente é a união do passado vivido e do futuro antecipado, um espaço onde damos significado à nossa existência.

Esses raciocínios reverberam também em Paul Ricoeur (2010), que explora a narrativa como um meio de dar consonância ao trajeto do tempo, conectando memória, história e imaginação. Ainda segundo Ricoeur (2010), é na conexão entre passado, presente e futuro que o ser humano encontra sentido para sua realidade. Assim, o devir surge como uma esperança que nos leva a crer que o passado reflete o futuro e que o futuro projeta o passado. Essa relação simbiótica compõe a totalidade da nossa frágil e humana resistência, uma resistência que, apesar de tudo, nos possibilita transformar o presente em um ponto de partida para o que ainda está por ser construído.

Esses autores não apenas proporcionaram perspectivas filosóficas inovadoras sobre o tempo e a existência, mas também nos instigam a refletir como vivemos o presente e como planejamos o futuro. Ao aprofundar-se nessas reflexões, reconhecemos que o passado e o devir não são campos opostos, mas elementos complementares que estruturam a nossa humanidade. Admitir essa interconexão não é apenas uma prática teórica, mas também uma proposta para viver de maneira mais consciente, aceitando a transitoriedade e abraçando o poder transformador do devir.

Nesse contexto, as tecnologias emergentes, como a inteligência artificial, nos oferecem novas formas de registrar, interpretar e projetar nossas experiências temporais. Algoritmos de aprendizado de máquina, ao analisarem grandes volumes de dados históricos, podem identificar padrões que nos ajudam a antecipar tendências e decisões futuras — não como oráculos deterministas, mas como ferramentas que ampliam nossa consciência e responsabilidade no presente. Essa interconexão, agora potencializada pelas interfaces entre humanidade e tecnologia, convida-nos a viver de forma mais consciente, aceitando a transitoriedade e abraçando o poder transformador do processo transformativo.

Dessa forma, o tempo deixa de ser barreira fixa para se transformar em um fluxo contínuo e dinâmico, que nos define e nos direciona ao que está por vir. Neste artigo, exploramos como o conceito de devir, articulado por diferentes pensadores, oferece uma ótica poderosa para compreender a interconexão entre essas vertentes temporais, revelando seus efeitos profundos sobre a experiência humana na contemporaneidade. Ao integrar reflexões filosóficas, éticas e sociais, buscamos evidenciar que o devir não é apenas um processo de transformação, mas também um chamado à responsabilidade e à reinvenção contínua de nós mesmos e do mundo ao nosso redor.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: Refletindo o devir sob a luz da ciência e tecnologia

Este estudo constitui uma revisão bibliográfica, fundamentando-se em livros, artigos e textos científicos para analisar as transformações do devir humano diante dos progressos científicos e tecnológicos. A partir de uma abordagem interdisciplinar, busca-se reconhecer como definições filosóficas tradicionais, como os de Nietzsche, Deleuze, Bergson e Ricoeur, dialogam com as reflexões contemporâneas de Harari sobre inteligência artificial (IA), biotecnologia e a digitalização da memória.

A filosofia do devir, nas leituras de Nietzsche (2019) e Deleuze (2006), concebe o futuro como um espaço aberto de transformação, alertando, contudo, para os riscos de um avanço tecnológico que privilegie a eficiência em detrimento da ética e do bem-estar. Essa interligação entre futuro e presente demanda uma reflexão atenta sobre as decisões que definirão o rumo das sociedades.

Essa reflexão pode ser ampliada considerando a abordagem de Harari acerca do impacto das revoluções científica e tecnológica no "devir" humano. Para o autor, o futuro deixa de ser apenas um campo de possibilidades subjetivas e filosóficas e se torna um espaço moldado por dados, algoritmos e inteligência artificial. Harari (2018) argumenta que a humanidade caminha para um contexto em que o controle do devir se transfere do ser humano, enquanto entidade orgânica, para sistemas tecnológicos capazes de processar informações em escalas inimagináveis.

Nesse sentido, a trajetória humano adquire novas dimensões. A superação e a transformação não são apenas processos internos do indivíduo ou da sociedade, mas fenômenos guiados por tecnologias que têm o poder de reformular nossa biologia, mente e até mesmo o significado de "presença". Para Harari (2015), surge então um debate crucial sobre os rumos da humanidade em um cenário em que os algoritmos passam a compreender nossas escolhas melhor do que nós próprios, enquanto a memória, o tempo e a identidade se transformam diante da possibilidade de um passado digitalizado e modificável.

Além disso, Harari (2018) estabelece um diálogo com a ideia de Ricoeur (2010) sobre narrativa e tempo ao sugerir que a inteligência artificial e as tecnologias digitais estão assumindo o papel de "contadores de histórias". Plataformas como redes sociais e sistemas de análise preditiva formam narrativas personalizadas, vinculando dados do passado a projeções futuras. Essa transformação questiona o papel da subjetividade humana na construção do devir, transferindo a criação de sentido para entidades não humanas, como as IA.

A repetição criativa, conceito central em Deleuze (2006), materializa-se nos sistemas de IA através de seu processo contínuo de aprendizagem a partir de grandes volumes de dados. Esses sistemas não apenas reproduzem padrões existentes, mas os recombina de forma inovadora, gerando novas possibilidades algorítmicas. Neste contexto, o processo de devir transcende a esfera humana, manifestando-se igualmente no domínio digital. Essa convergência entre inteligências humanas e IA no mesmo espaço-tempo apresenta à humanidade um desafio filosófico singular: redefinir os paradigmas de coexistência e colaboração entre diferentes formas de cognição.

Segundo Deleuze (2006), descreve um processo contínuo de criação e transformação. A IA, em sua capacidade de aprendizado e adaptação, representa uma expressão tecnológica desse devir, embora desprovida das limitações humanas, como a intencionalidade. Heidegger (2012), ao definir o ser humano como um "projeto aberto", suscita questionamentos sobre o que ocorre quando as máquinas passam a integrar esse projeto, assumindo decisões que antes eram exclusivas do domínio humano.

As considerações de Merleau-Ponty (1999) sobre a interação entre corpo, mente e tempo ganham novas dimensões quando pensamos em tecnologias de realidade virtual e aumentada. Essas inovações permitem que o "estar no mundo" transcenda os limites físicos, criando espaços híbridos entre o real e o virtual. Nesse cenário, o corpo deixa de ser apenas orgânico, integrando-se a dispositivos tecnológicos que ampliam nossa percepção e alteram nossa relação com o tempo e o espaço. Harari (2018) aponta que essa integração pode redefinir o conceito de experiência humana, ampliando nossas possibilidades, mas também desafiando nossa compreensão de identidade.

O raciocínio de Bergson (1999) sobre a duração vivida, na qual passado e presente coexistem de maneira indissociável, também pode ser reavaliada sob a perspectiva da digitalização da memória humana. Os avanços no armazenamento de dados e na computação quântica permitem não apenas o registro do passado, mas também sua reconfiguração em ambientes digitais. Essa capacidade de revisitar e reinterpretar memórias digitais traz implicações profundas para a construção de narrativas sobre nós mesmos, como destacado por Ricoeur (2010). O perigo, segundo Harari (2015), é que essa influência do passado por entidades externas nos transformem em espectadores, e não mais autores de nossas próprias histórias, colocando o devir sob domínio de grandes corporações e governos.

Essa centralização do poder ameaça a autonomia humana, aspecto crucial para o vir-a-ser que Nietzsche (2019) concebe como uma superação constante. Um futuro em que as

máquinas ditam as narrativas humanas pode transformar o devir em um processo estagnado, restringindo a liberdade de criar e reimaginar possibilidades. Nesse ponto, a preocupação de Ricoeur (2010) com a narrativa como elemento essencial à identidade torna-se ainda mais relevante.

O impacto subjetivo da IA também deve ser analisado. Merleau-Ponty (1999) vê o "estar no mundo" como uma experiência corpórea, relacional e temporal. No entanto, com a inserção da IA em aspectos íntimos da vida, como as interações sociais e decisões pessoais, há um deslocamento da centralidade do corpo e da consciência na construção do significado. Isso pode resultar em alienação, tornando os seres humanos cada vez mais dependentes de sistemas que interpretam o mundo por eles.

Do ponto de vista temporal, Bergson (1999) estabelece uma distinção entre o tempo cronológico e a duração vivida, propondo que o passado e o presente coexistem em uma continuidade que molda o futuro. A IA, com sua capacidade de análise em tempo real e previsões automatizadas, interfere nessa vivência, frequentemente comprimindo o tempo subjetivo em decisões instantâneas. Isso cria um paradoxo: enquanto a tecnologia promete mais controle sobre o tempo, ela também reduz a percepção dele, afastando-nos da experiência plena do vir-a-ser.

Por fim, a filosofia do devir também chama atenção para os impactos ambientais e sociais das escolhas tecnológicas. Harari (2018) ressalta que, embora a IA possa trazer avanços como soluções para o clima e a saúde, sua aplicação sem critérios éticos pode levar à exploração desmedida de recursos naturais e ao aumento das desigualdades sociais. Como afirma Bergson (1999), as decisões do presente carregam o peso do passado e moldam as possibilidades do futuro, exigindo compromisso com o bem comum.

A crescente alienação promovida pela inteligência artificial coloca em risco as estruturas narrativas que, segundo Ricoeur (2010), constituem o cerne da identidade humana. Quando algoritmos passam a definir nossas histórias pessoais e coletivas, não apenas se compromete a autenticidade dessas narrativas, mas se instaura uma profunda crise identitária. Essa ruptura atinge diretamente o processo de devir humano, que tem como condição fundamental a liberdade de imaginar e construir futuros alternativos. Diante desse cenário, refletir sobre o devir na era algorítmica exige um exercício filosófico multidimensional - ético, crítico e criativo - capaz de resguardar a autonomia, a subjetividade e o poder transformador que nos definem como humanos.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é de natureza qualitativa, com abordagem teórica e fundamentação interdisciplinar. A metodologia consistiu em uma revisão bibliográfica de obras clássicas e contemporâneas das áreas da filosofia, ciência e tecnologia, com ênfase no conceito de devir e em suas implicações éticas, existenciais e sociotecnológicas na contemporaneidade.

Foram selecionadas produções de autores como Nietzsche, Deleuze, Bergson, entre outros, a fim de compreender como os avanços da IA impactam a subjetividade, a identidade e a autonomia humanas. A análise foi conduzida com base em uma leitura crítica e reflexiva, articulando os aportes teóricos aos desafios e transformações observados no atual cenário tecnológico e social.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 IA, ciência, tecnologia e a sociedade pensando o devir.

A relação entre IA, filosofia e o conceito de devir traz implicações profundas para a ciência, a tecnologia e a sociedade. Harari (2018) defende que, no século XXI, a humanidade enfrenta uma encruzilhada crucial: empregar a IA para o avanço coletivo ou permitir que essa tecnologia amplifique desigualdades e fortaleça o controle social.

Ao abordar os impactos da IA, Harari (2018) destaca a questão do controle: quem governa os algoritmos e define seu uso? O devir catastrófico associado à IA não é inevitável, mas está diretamente ligado às escolhas feitas no presente. Como propõe o autor, é possível harmonizar o desenvolvimento tecnológico com valores humanos, fomentando um futuro mais justo e sustentável. No entanto, isso requer uma revisão crítica dos paradigmas atuais, incorporando perspectivas filosóficas, éticas e sociais. A IA pode se tornar uma ferramenta de superação e transformação, mas apenas se for guiada por um compromisso com o bem-estar coletivo, assegurando que o devir permaneça um processo criativo e humanizador.

4.2 O devir e a ética: desafios contemporâneos

A ética, enquanto campo de reflexão sobre o agir humano, desempenha um papel fundamental na discussão sobre o devir, especialmente em um contexto de rápidas transformações tecnológicas. A filosofia moral, desde Aristóteles até os pensadores contemporâneos como Habermas (2003), tem se dedicado a analisar as consequências das ações humanas para o futuro.

Entretanto, o surgimento de tecnologias como a IA e a biotecnologia apresenta novos dilemas éticos que demandam uma reavaliação dos paradigmas tradicionais. Em um mundo em que decisões são cada vez mais delegadas a algoritmos, como garantir que esses valores sejam mantidos? A IA, ao assumir um papel ativo na tomada de decisões, pode comprometer a capacidade humana de agir com autonomia e responsabilidade, ameaçando o próprio devir como um processo de superação e transformação.

A ética do vir-a-ser também deve considerar as implicações dessas tecnologias para as futuras gerações. Jonas (2006), em sua obra *“O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”*, defende que a ética contemporânea deve orientar-se por um compromisso com o futuro, assegurando que as ações do presente não comprometam a dignidade das gerações vindouras. Rawls (2002), por sua vez, destaca a importância da justiça intergeracional, defendendo que instituições sociais devem garantir equidade na distribuição de benefícios e ônus entre as gerações.

Portanto, a ética do devir exige uma reflexão profunda sobre os valores que devem nortear o desenvolvimento tecnológico. Como propõe Harari (2018), é essencial que a sociedade estabeleça limites éticos claros para o uso das tecnologias emergentes, assegurando que elas sirvam ao bem comum - e não à exploração ou ao controle. A resistência humana, nesse contexto, deve se manifestar não apenas por meio de regulamentações, mas também como um esforço coletivo para construir um futuro mais equitativo e sustentável.

4.3 O devir e a espiritualidade: uma perspectiva contemporânea

A espiritualidade, enquanto dimensão intrínseca e essencial da experiência humana, pode ser reimaginada e revitalizada à luz do conceito de devir, especialmente em um mundo marcado por mudanças aceleradas e pela crescente influência tecnológica. A busca por significado e transcendência assume novas formas, desafiando as tradições religiosas e espirituais a dialogarem com as demandas da contemporaneidade.

Tolle (2005), propõe uma espiritualidade centrada no presente como um antídoto à ansiedade e à alienação provocadas pela aceleração do tempo. Para o autor, o devir não é um movimento que se projeta apenas no futuro, mas uma experiência que se dá no agora - onde passado e futuro convergem. Essa visão encontra eco na filosofia de Bergson (1999), que, entende o tempo como uma interpenetração contínua de momentos. A espiritualidade, assim compreendida, pode ser uma forma de resistência à fragmentação temporal imposta pela tecnologia, reconectando o ser humano à plenitude do instante presente.

Adicionalmente, Capra (2004), argumenta que a ciência e a espiritualidade não são domínios opostos, mas complementares. Enquanto o saber científico fragmenta e analisa, a espiritualidade propõe uma visão holística da existência, resgatando a unidade subjacente à diversidade. Nesse sentido, a espiritualidade pode servir como contrapeso à desumanização frequentemente associadas ao avanço tecnológico, promovendo valores de interdependência entre os seres.

Portanto, a espiritualidade, não deve ser vista como uma fuga da realidade ou uma rejeição ao progresso tecnológico, mas como um engajamento crítico e consciente com o presente. Como defende Tolle (2005), a verdadeira espiritualidade não se volta para o passado ou para o futuro, mas para o agora, onde a vida de fato se desenrola. Essa perspectiva convida o indivíduo a viver de forma mais autêntica e plena, em harmonia consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Nesse sentido, a espiritualidade contemporânea pode ser entendida como uma forma de resistência ao devir tecnológico, oferecendo uma alternativa à lógica da produtividade e da aceleração que frequentemente domina a vida moderna.

No entanto, é importante destacar que a espiritualidade não se coloca em oposição à tecnologia de maneira maniqueísta. Pelo contrário, ela pode estabelecer um diálogo com as inovações tecnológicas, incorporando-as em uma visão mais ampla e significativa da existência (Capra, 2004). A meditação guiada por aplicativos, as comunidades espirituais online e o uso de ferramentas digitais para a disseminação de práticas contemplativas são exemplos de como a espiritualidade pode se adaptar e se reinventar no contexto contemporâneo. Essa integração entre o antigo e o novo, entre o sagrado e o tecnológico, pode abrir caminhos para uma espiritualidade mais acessível, inclusiva e transformadora.

Em síntese, a espiritualidade contemporânea, à luz do conceito de devir, surge como uma força vital e transformadora, capaz de oferecer respostas profundas aos desafios de um mundo cada vez mais tecnológico e acelerado. Ao focar-se no presente e propor uma visão holística da existência, ela nos convida a viver de forma mais consciente, autêntica e conectada, resistindo à fragmentação e à alienação que caracterizam a era moderna.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de devir, entendido como um processo contínuo de transformação, reinvenção e superação, revela-se essencial para compreender os desafios contemporâneos diante do avanço tecnológico acelerado. A emergência da IA, associada a sistemas cada vez

mais autônomos e integrados à vida cotidiana, exige uma reflexão crítica que ultrapasse os limites da eficiência técnica e incorpore valores humanos fundamentais.

A incorporação da tecnologia nos processos decisórios, nas relações sociais e na organização da vida cotidiana modifica substancialmente as noções de tempo, subjetividade, identidade e autonomia. As decisões que antes eram tomadas com base na intencionalidade, na experiência e na ética passam a ser executadas por sistemas automatizados, muitas vezes sem transparência, o que representa uma ameaça à liberdade individual e à agência humana.

Além das questões existenciais e sociais, os impactos ambientais decorrentes do uso indiscriminado da tecnologia também merecem atenção. A exploração intensiva de recursos naturais, o descarte de resíduos eletrônicos e os efeitos colaterais das inovações tecnológicas comprometem o equilíbrio ecológico e agravam as crises climáticas globais. Outro ponto preocupante diz respeito à manipulação de dados e à perda de privacidade, que comprometem a autenticidade da experiência humana. Em um cenário onde algoritmos moldam narrativas, preferências e comportamentos, corre-se o risco de reduzir o ser humano à condição de espectador da própria existência, fragmentando a consciência e esvaziando o sentido do agir ético e responsável.

Diante desse contexto, torna-se imprescindível repensar os rumos do desenvolvimento tecnológico. O dever, para manter-se como um processo humanizador e construtivo, requer o compromisso com a justiça social, a sustentabilidade ambiental e a dignidade humana. Cabe à sociedade contemporânea a tarefa de garantir que a inovação tecnológica seja orientada por princípios éticos sólidos, promovendo um futuro no qual a tecnologia esteja a serviço da vida — e não o contrário.

Portanto, a reflexão sobre o dever catastrófico nos exige repensar urgentemente os rumos do desenvolvimento tecnológico, integrando valores humanos essenciais, responsabilidade social e cuidado ambiental. A tecnologia, embora não seja inerentemente negativa, pode levar a consequência devastadoras se utilizada sem reflexão ética ou compromisso com o bem comum. Cabe a nós garantir que o vir-a-ser seja um processo construtivo, preservando a dignidade humana, a justiça social e o equilíbrio com o planeta.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CAPRA, Fritjof. *O tao da física*. Tradução de José Fernandes Dias. São Paulo: Cultrix, 2004.

- DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- HABERMAS, Jürgen. O futuro da natureza humana. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HARARI, Yuval Noah. Homo Deus: uma breve história do amanhã. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- _____. Sapiens: uma breve história da humanidade. Tradução de Janaína Marcoantonio. São Paulo: L&PM, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2012.
- JONAS, Hans. O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. São Paulo: Edipro, 2019.
- RAWLS, John. Uma teoria da justiça. Tradução de Almiro Pisetta e Lenita M. R. Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica. Tradução de L. H. P. de Almeida. Campinas: Papirus, 2010.
- TOLLE, Eckhart. O poder do agora: um guia para a iluminação espiritual. Tradução de Maria Cristina Guimarães Cupertino. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.